

EDITORIAL

Conta a história do relógio que por mais bonito que ele seja o que mais importa é sua máquina: " não importa que sejamos o mais ínfimo parafuso ou a mais ignorada rodinha, desde que o trabalho, em conjunto, seja para o bem de todos".

Ao término de uma gestão um misto de emoções veem a tona ao relembrar das pequenas coisas e grandes momentos vividos para a consolidação da ABPP – **SEÇÃO SÃO PAULO** que, neste ano, completa 10 anos.

Essa diretoria nestes três anos (2011-2013) comprometida com a Psicopedagogia e com seu associado, colocou em prática o que Mintzberg define como gestão.

Segundo Mintzberg "gestão significa influenciar a ação. Gestão é sobre ajudar as organizações e as unidades fazerem o que tem que ser feito, o que significa ação".

Entendo que fizemos o que tinha que ser feito quando:

- realizamos pequenos e grandes eventos com temas de caráter reflexivo e formativo.
- criamos o Catálogo de Psicopedagogos Associados que está postado em nosso site.
- aumentamos o quadro de associados contribuintes e titulares.
- adequamos o Estatuto Social da SEÇÃO SÃO PAULO em Assembleia Geral Extraordinária
- desenvolvemos o projeto social ABPP – SP vai à Escola.
- criamos o projeto ABPP - SP na Universidade.
- renovamos o site.
- criamos uma página no Facebook e no Twitter.
- conseguimos "um espaço para chamar de nosso": alugamos nossa sede.

Comparada à máquina do relógio esta diretoria, nesta gestão, realizou um trabalho competente, em conjunto, para o bem da Seção São Paulo. Nesta edição, comemorativa dos 10 anos, publicamos a entrevista realizada com a ex-presidente Mônica Mendes; temas de relevância para a prática profissional do psicopedagogo estão no artigo "A afetividade na obra de Piaget" de Carla Labaki, e no artigo "A eterna sabedoria dos mitos e contos antigos: como e por que eles contribuem tanto no trabalho psicopedagógico" de Vera Pina. No Espaço Aberto, seção destinada à divulgação de novos autores temos o texto " Já sou professora. E agora?" da autoria de Bruna Julião, que está finalizando o curso de psicopedagogia. A agenda cultural do primeiro semestre de 2014 e a indicação de livros compõem esse número. É com a paz de espírito do dever cumprido que assino este editorial em nome desta diretoria.

Maria Cristina Natel

Presidente da ABPP - SEÇÃO SÃO PAULO

10 anos da ABPP SEÇÃO SÃO PAULO



PSICOPEDAGOGO ASSOCIE-SE !

www.saopauloabpp.com.br

contato: 11 99513.1411



Como atender as diferentes necessidades educacionais?

A resposta para esta pergunta está ligada aos conceitos de pluralidade e singularidade, presentes na ideia da diversidade.

O respeito à diversidade é uma cultura a ser construída, dado que ainda precisamos aprender a aceitar as diferenças, reconhecendo as limitações presentes em toda e qualquer pessoa.

O direito a igualdade de oportunidades está previsto em leis e decretos, mas, é preciso considerar cada qual com suas possibilidades e suas necessidades, a fim de garantir a efetiva aprendizagem.

Nesse contexto, a **ABPp – SEÇÃO SÃO PAULO** convida você a pensar e discutir conosco a inclusão, o desenvolvimento de novas atitudes e novas formas de interação, em mudanças no relacionamento interpessoal e social e na maneira de se efetivar os processos de ensino e de aprendizagem, adequados à heterogeneidade dos aprendizes e compatíveis com os propósitos da Psicopedagogia.

Ivanilda Moura Santos

Diretora Cultural da ABPp SP
Pedagoga, psicóloga, e psicopedagoga
santosmouravan@gmail.com

AGENDA CULTURAL - 1º semestre de 2014

MARÇO

Projeto **ABPp – SEÇÃO SÃO PAULO** na Universidade **Palestra**: "O papel do gestor de escola enquanto facilitador do trabalho com Inclusão"

ABRIL

Mesa redonda "O que precisamos saber sobre a cultura da Inclusão: Diferentes e possíveis abordagens"

MAIO

Banca de Titularidade

JUNHO

Curso "TANV - Transtorno não verbal de aprendizagem: Perfil cognitivo e dificuldades na aprendizagem"

ANOTE EM SUA AGENDA!

ENTREVISTA COM A PRESIDENTE VITALÍCIA MÔNICA HOEHNE MENDES

No ano comemorativo dos 10 anos da ABPp SP, final da gestão de 2011-2013, nada mais justo do que homenagearmos a psicopedagoga que desbravou o caminho e fundou a Seção no Estado de São Paulo: **Mônica Hoehne Mendes**. Na entrevista abaixo, a ex-presidente compartilha seu saber, para nossa satisfação e atualização.

1) Se fizéssemos uma retrospectiva histórica sobre a Psicopedagogia o que você nos contaria?

Mônica - Em minha análise a Psicopedagogia começou confundindo-se com a reeducação pedagógica e à medida que fomos "absorvendo" as influências da Psicopedagogia argentina o nosso trabalho foi se transformando, pois foi ampliando seus conhecimentos com outras áreas de conhecimento (neurologia, psicanálise etc). Atualmente falamos em "intervenção psicopedagógica", com um olhar terapêutico para as dificuldades ou transtornos de aprendizagem.

2) É fato que o acesso à escolarização ampliou e que temos praticamente todas as crianças na escola, mas, isso não favoreceu a diminuição do analfabetismo funcional. Qual a contribuição da Psicopedagogia para tal quadro?

Mônica - Falar do papel da Psicopedagogia junto ao aluno(a) que chega ao consultório a fim de lidar com suas dificuldades de aprendizagem, eu considero irrelevante, mas considero significativo o trabalho que é feito desde os cursos de formação em Psicopedagogia à intervenção que pode e deve ser feita nas escolas dentro do que chamamos de Psicopedagogia Institucional. Este trabalho a ser realizado junto ao professor procurando encontrar formas metodológicas de intervir com os alunos que apresentam dificuldades

e até mesmo modalidades de aprendizagem diferentes. Esta é a verdadeira concepção institucional (no meu entendimento). Nas ocasiões em que esta intervenção ocorre, há um verdadeiro progresso no processo de aprendizagem, do (a) professor(a) e dos alunos.

3) Da "escola para alguns" PARA "escola para todos". Considerando-se tal premissa temos percebido que, muitas vezes, pratica-se a integração da/do diferente ao invés da inclusão de fato. O que a você pensa disso?

Mônica - Concordo que predomina a simples integração, pois além da "paralisia" das instituições escolares em relação a esta proposta (lei), há uma certa resistência dos professores em buscar refinar sua formação. A única maneira de atendermos as demandas atuais é nos prepararmos para enfrentá-las e não "fugindo" delas.

4) As crianças do século XXI apresentam mais dificuldade de aprendizagem do que antigamente?

Mônica - Não creio que as dificuldades tenham aumentado o que mudou foi o foco. O que eu quero dizer com isto?

Antigamente o foco era explicitamente e assumidamente no conteúdo. Hoje o discurso está voltado para o processo de aprendizagem e a ação ainda é no conteúdo, porém de forma precária em consequência de uma formação fragilizada.

5) Escola e Família têm papéis e funções distintas. Conte um pouco de sua experiência na Psicopedagogia com essas duas instituições?

Mônica - A minha experiência mostrou que estas instituições têm funções diferentes, mas extremamente em intersecção, o que faz com que uma interfira na outra. Este fato levou-me a procurar uma formação em terapia de casal e família.

6) Psicopedagogia com adultos?

Mônica - Sim, por que não? Já tive a oportunidade de atender alguns adultos que em geral iniciam sua intervenção, refazendo seu percurso de aprendizagem, para que possam (re)encontrar o sentido de suas escolhas ou para que possam pensar em novas escolhas. Entretanto, não podemos deixar de pensar que um contexto de supervisão (ou co-visão como algumas pessoas preferem nomear) não deixa de ser uma intervenção psicopedagógica e, no caso com adultos!

7) Que aspectos você considera fundamentais na formação do psicopedagogo?

Mônica - A formação inicial em um curso que contemple aspectos do desenvolvimento físico, neurológico e subjetivo é um "bom começo", mas o essencial é que este profissional dê continuidade à sua formação por meio de supervisões e grupos de estudo, a fim de que possa fundamentar cada vez mais sua prática psicopedagógica.

8) Resuma em uma frase a importância do psicopedagogo se associar à ABPp SEÇÃO SÃO PAULO.

Mônica - Ser um associado da ABPp SEÇÃO SÃO PAULO é estar conectado com um órgão que agrega os profissionais desta área de atuação, no Estado de São Paulo, participa das conquistas que a classe busca e alcança, além de receber as informações de programações desta área, viabilizando sua constante atualização.

9) Que mensagem gostaria de deixar para os nossos associados?

Mônica - Eu sempre pergunto aos meus alunos nos cursos de Psicopedagogia, "quando termina sua formação?" Eles me respondem prontamente com a data do término do curso, então eu contesto deixando-os um tanto atônitos (já se imaginando vítimas de uma propaganda enganosa da instituição a que estão matriculados), tento então tranquilizá-los, dizendo que o curso realmente termina naquela data mencionada por eles, entretanto a formação não termina nunca!!!

Portanto caros associados e colegas não sejam displicentes com sua formação: invistam no aprofundamento desta por meio de supervisões e grupos de estudos! Participem dos eventos, pois é assim que nós nos colocamos em contato com nossos colegas, além de nos atualizarmos e nos fortalecermos.

A afetividade na obra de Piaget

A Epistemologia Genética de Piaget estudou a construção do ato de conhecer na criança. Considerou em seus estudos o sujeito epistêmico, ou seja, o ser humano em geral, não um sujeito em particular. Piaget era interacionista, considerava o potencial genético inato e a interação e o contato com o meio como fundamentais para a construção endógena das estruturas mentais específicas do ato de aprender. Sem essa interação, não se constrói o desenvolvimento cognitivo. A interação é mediada pela ação e pela cooperação, isto é, a ação com o outro. O grande mediador para a construção do conhecimento é a ação e essa ação, após o período sensório-motor, passa a ser uma ação interiorizada.

Segundo Piaget, a cognição nos dá a possibilidade de conhecimento cada vez mais complexo do mundo. A coordenação dos esquemas é a matriz da inteligência. O ser humano constrói, em seu desenvolvimento, estruturas cada vez mais complexas de pensamento.

Existem aspectos do cognitivo que não são conscientes. A consciência cognitiva é a metacognição. Essa possibilidade é construída e só é alcançada no período operatório formal. Sara Paín também nos fala disso, segundo ela, inicialmente "não sabemos por que pensamos, mas também não sabemos como pensamos. Só o resultado de nosso pensamento, de seu produto, nos permite fazer uma teoria de como pensamos" (1996, p.23). O sucesso na ação é anterior à compreensão da ação. A consciência é construída e é fundamental que isso aconteça no processo de aprendizagem significativa.

O tema da afetividade é pouco associado à obra de Piaget. Ele pouco escreveu sobre isso, o que não significa que não tenha considerado essa dimensão como importante para o estudo da inteligência e do desenvolvimento psicológico. Segundo Souza, "[...] a abordagem de Piaget rompe, como ele desejava, a dicotomia inteligência/afetividade, apresentando o desenvolvimento psicológico como uno, em suas dimensões afetiva e cognitiva. [...] o autor defende a tese da correspondência entre as construções afetivas e cognitivas, ao longo da vida dos indivíduos..." (2003, p.54). Para Piaget, a afetividade envolve as emoções, os sentimentos, as tendências e a vontade. A inteligência e a afetividade são de naturezas diferentes: a energética da conduta vem da afetividade e as estruturas vêm das funções cognitivas.

Piaget, em seu livro *Inteligência e Afetividade* (2005), estabelece um paralelo entre os diferentes estágios do desenvolvimento cognitivo e do desenvolvimento afetivo, ou seja, estabelece um paralelismo entre as estruturas intelectuais e os níveis de desenvolvimento afetivo. Segundo ele, nunca encontraremos um estado afetivo sem elementos cognitivos e vice-versa. A afetividade é o motor, a causa primeira do ato de aprender. É ela que origina a ação e o ato de aprender. Se não considerarmos a importância da afetividade no ato de conhecer, não poderemos explicar porque se inicia e se conclui a experiência de um determinado conhecimento e porque há interesse por determinadas coisas e não por outras, por determinadas pessoas e não por outras. É fundamental que haja uma vinculação adequada com o objeto do conhecimento e essa vinculação se dá pelo afeto. Todos esses aspectos fazem parte do aprender. Todo ato de desejo é um ato de conhecimento e vice-versa.

A afetividade é a fonte energética para o funcionamento da inteligência e opera constantemente no funcionamento do pensamento, mas não cria as estruturas cognitivas nem modifica o funcionamento dessas mesmas estruturas. Ela pode afetar sua realização ou sua inibição, mas não irá modificá-las. Por exemplo, o sentimento de êxito ou fracasso gera no aluno uma facilitação ou uma inibição na aprendizagem de determinado conteúdo, mas a estrutura das operações não se modifica, o que muda é a possibilidade de fazer bom uso ou não dessas operações.

Ainda segundo Piaget, pode acontecer de o aspecto afetivo/emocional estar comprometido e dificultar ou mesmo impedir a interação com o meio e, portanto, dificultar o desenvolvimento cognitivo. Podemos pensar que a afetividade e a cognição caminham juntas, lado a lado, e ambas devem contribuir para a aprendizagem. Se uma delas está comprometida a outra também é afetada. O aspecto orgânico da aprendizagem é importante, mas o cérebro só se desenvolve com a experiência da ação com o meio. O desenvolvimento das potencialidades está diretamente relacionado com a cognição e com a afetividade. A afetividade pode impedir o cognitivo de funcionar de forma positiva quando impossibilita a experiência, a interação com o meio e com o social. Há uma relação indissolúvel entre a inteligência e a afetividade, entre o conhecer e o desejar.

Portanto, não podemos falar de uma conduta exclusivamente afetiva nem de uma conduta exclusivamente

cognitiva, todas as condutas envolvem esses dois aspectos. A afetividade interfere constantemente no funcionamento da inteligência, mas não modifica suas estruturas. É importante salientar que Piaget se refere à afetividade consciente, diferentemente do campo de estudos da psicanálise que se refere à afetividade inconsciente.

É a valorização afetiva, no momento da interação com o mundo, que nos dá a possibilidade de construção de uma valoração positiva com o processo de aprender. Neste sentido, o papel da família, da escola e do próprio sujeito da aprendizagem é de fundamental importância. "O sujeito não é sujeito até que conheça. É sujeito porque conhece, e é sujeito a esse conhecimento" (Paín, 1996).

A família é a primeira ponte de mediação da criança com o meio. A forma como a família irá mostrar e significar essa interação será determinante na construção da relação da criança com o processo de conhecer. É na família que a criança terá as primeiras vivências emocionais e é nela que os valores e os primeiros afetos serão transmitidos.

O segundo espaço importante de conhecimento para a criança é a escola. Ela é a primeira célula social organizada, depois da família. A forma como a escola dá espaço e apoia a criança em suas descobertas e em suas construções, irá também contribuir para a construção de sua identidade como sujeito que aprende. O papel da escola deve ser muito mais formativo do que informativo. A escola deve ser um espaço de interação mediada entre o aprendente e o meio, para que o aprendente seja autor da construção de seu processo de conhecimento.

Concluindo, a teoria de Piaget é de fundamental importância para pensarmos o sujeito que aprende em seus diferentes aspectos e entendê-lo como um todo, evitando a compartimentalização do mesmo e considerando-o inserido dentro de diferentes espaços de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- PAÍN, Sara. Subjetividade Objetividade: relação entre desejo e conhecimento. São Paulo: CEVEC, 1996.
- SOUZA, M. T. C. C. de. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget. In: ARANTES, V. A. (org.). Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003. P. 53-69.
- PIAGET, J. Inteligência e afetividade. 1ª ed. 1ª reimp. Buenos Aires: Aique, 2005.

Carla Labaki

Pedagoga - USP, psicopedagoga
Instituto Sedes Sapientiae

A ETERNA SABEDORIA DOS MITOS E CONTOS ANTIGOS

"COMO E POR QUE ELES CONTRIBUEM TANTO NO TRABALHO PSICOPEDAGÓGICO?"

Joseph Campbell nos diz que, todos nascemos para ser heróis... Assim, nossas vidas são realmente um conto de fadas! Com uma diferença, ao lermos ou ouvirmos um conto de fadas, todos sabemos que ele terminará logo depois de algumas páginas. Isso realmente não acontece na vida real. Nos contos de cada um de nós, mesmo que um episódio possa terminar mal, sempre há outro a nossa espera e depois desse, mais outro e mesmo quando achamos que "AGORA SEREMOS FELIZES PARA SEMPRE", ainda haverá mais outro episódio com muitas coisas maravilhosas e outras nem tanto. É a magia do eterno retorno no qual sempre teremos novas oportunidades e dessa forma também sempre poderemos consertar o estrago ocorrido em algum episódio. Dessa maneira iremos moldar nossa vida da forma que emocionalmente merecemos. Nela o que realmente não vale à pena é perder tempo odiando um insucesso. "O insucesso é um mestre melhor do que o sucesso. ESCUTE. APRENDA. CONTINUE. Essa é a essência de todo conto". (ESTÉS P. CLARISSA; 1999)

Quando prestamos atenção a essas mensagens do passado aprendemos que há padrões desastrosos, mas também podemos olhar para os episódios da vida real e perceber como eles nos ensinam a prosseguir, assim como nos contos, com a sabedoria e energia de quem passa a perceber as armadilhas, gaiolas e enganações antes de depararmos com elas ou de sermos nelas ou por elas capturados.

Ainda hoje muitos pais e educadores acreditam que ler e ouvir contos de fada sejam um simples passatempo, coisa de criança, ou fuga da realidade, no entanto, o processo é bem mais complexo.

Ouvir e lembrar um conto, metaforicamente é como ligar uma lanterna dentro de nós, sua luz irá iluminar o nosso mundo interno, espalhando-se e evocando um subtexto mais profundo na psique. Assim, quando as pessoas ouvem contos não estão propriamente "ouvindo", mas lembrando; quando o corpo ouve o conto

algo ecoa no seu interior revelando os sentimentos íntimos que estavam escondidos ou adormecidos. O que sabemos é que a compreensão profunda da essência dos contos é claramente sentida pelo coração, pela mente e pela alma do ouvinte.

Um conto é como um despertador que acorda em nós informações essenciais sobre a vida, àquelas que muitas vezes esquecemos por um tempo, com as quais perdemos contato. Assim, os ouvintes reveem seus significados "com o coração" conselhos metafóricos sobre a vida da alma.

Ao voltarmos ao mundo das crianças pequenas poderemos compreender com clareza, porque as imagens dos contos fazem tanto sentido há milênios.

Sabemos que crianças muito pequenas pensam de forma muito concreta, por isso, quando elas escutam algo como: "Está chovendo elefante lá fora", elas correm à janela para ver os elefantes. No entanto, conforme vão crescendo logo irão descobrir que essa expressão é apenas uma metáfora e que não expressa uma realidade concreta. A partir desse momento, a criança aprende que as imagens são muitas vezes usadas para descrever a essência de uma ideia, que são uma espécie de símbolo imaginativo. No entanto, aquela imagem "dos elefantes caindo do céu", nunca mais se perderá isso porque, terá sido transformada em uma maravilhosa linguagem simbólica.

Com o passar do tempo nos distanciamos da forma concretista de pensar, mesmo assim, sempre conservamos o pensamento simbólico, a capacidade de imaginar níveis de significação ligados a um único motivo ou ideia, o que nos permite inventar, inovar e produzir ideias originais, com resultados muitas vezes surpreendentes.

"Se a linguagem dos símbolos é a língua materna da vida criativa então as histórias são o seu veio principal". (ESTÉS P., CLARISSA, 1999).

A Dra. Marie Louise Von Franz, grande colaboradora do psiquiatra C.G. Jung e estudiosa de Contos e Mitos, também escreve em seus livros sobre o valor dos contos, dizendo que eles trazem em si uma educação muito mais profunda e saudável. Através dessa outra leitura veremos que os Contos são algo vivo para as crianças e fazem parte da sua realidade.

Ao contarmos um Conto podemos verificar que as crianças embarcam nas suas imagens, não como espectadores, mas sim como personagens. As imagens dos Contos irão evocar as imagens internas de cada ouvinte aflorando imagens, sensações e sentimentos, o que permitirá que ela própria encontre soluções para suas dificuldades, que até então, não tinham sido percebidas, pois essas soluções geralmente lhes são dadas de forma teórica, intelectual, autoritária e moralista.

As imagens abrem a visão e permitem que outras imagens surjam conduzindo o ouvinte - adultos e crianças - a certas percepções que modifiquem atitudes e provoquem transformações. Por essa razão é que os Contos muito nos auxiliam no trabalho Psicopedagógico.

No Conto "O Alfaiatezinho Valente", dos irmãos Grimm, por exemplo, observamos que suas imagens animam muito aqueles que se subestimam e vivem com medo do mais forte. Com sua coragem e bravura o Alfaiatezinho desperta alguns aspectos importantes como: "autocontrole", "a briga pelo poder", "autoimagem", "a descoberta de recursos internos necessários para vencermos os obstáculos" e muitos outros.

Ao analisar as imagens e motivos dos contos e mitos podemos nos surpreender ao descobrirmos que esses aspectos nos falam da "realidade do ser humano, sua busca, seus traumas e dificuldades de lidar com papai e mamãe, o desejo de ser herói, dos monstros que ele sente que tem que combater durante a vida" (BONAVENTURE J. - 1992).

O trabalho Psicopedagógico além de buscar auxiliar crianças, adolescentes e adultos com dificuldades de aprendizagem formal, também visa a melhora da educação como um todo e das aprendizagens da vida, dentro e fora da escola.

Para que esse objetivo seja alcançado, transformações precisam acontecer e não apenas algumas mudanças, para que elas aconteçam, é necessário despertarmos no ser humano, a consciência sobre aspectos ainda desconhecidos por ele, isto é, se conseguirmos ajudá-los a iluminar lugares escuros e desconhecidos do seu mundo interno, essa consciência poderá ser despertada.

Os Contos com sua linguagem simples e direta atingem exatamente esse lugar onde um tesouro nos aguarda o nosso inconsciente, por essa razão, são eles uma excelente ferramenta da qual dispomos no trabalho psicopedagógico para nos auxiliar no trabalho da tomada de consciência. Ela irá ajudar nossas crianças na busca de soluções para suas dificuldades pessoais e de aprendizagem.

A tarefa do Psicopedagogo, que se propõe a trabalhar com os Contos, é na verdade conseguir reconhecer as imagens que o conto evoca no ouvinte e transformá-las na ponte para o aprendizado.

Na prática esse trabalho pode ocorrer, por exemplo, em uma das passagens da estória do Alfiatezinho Valente, onde ele prefere terminar sua tarefa para depois saborear o pão com geleia que estava ao seu lado. Ao vivenciar essa passagem do conto, podem surgir na criança, imagens internas que permitam a ela se perguntar, quantas vezes isso ocorreram na sua vida ou o que faria uma pessoa cumprir primeiramente uma tarefa para só depois usufruir do prazer porque não o inverso?

Por um lado seria fácil usarmos essa imagem para dizer as crianças algo "muito educativo" sobre a autodisciplina tão sonhada pelos pais e educadores tendo diante de si crianças muito disciplinadas que sempre terminariam suas tarefas escolares para somente depois se divertirem!

Na verdade os contos nos ajudam sim a passar alguns ensinamentos, mas seu grande valor não está na interpretação moral do certo e o errado imposta pela sociedade, cultura e religiões, mas na profundidade que suas imagens trazem para aqueles que o escutam ou leem.

Essa imagem do Alfiatezinho, talvez desperte questionamentos, reconhecimentos e reflexões, que irão realmente nos ajudar, pois sabemos que algo só passa a ter sentido verdadeiro para o indivíduo, quando vivenciado internamente, aí sim, poderemos dizer que realmente aprendemos. É por isso que, apenas explicações racionais e intelectuais, não bastam para, aprender e apreender, verdadeiramente.

Os Contos são também excelente material para trabalharmos as dificuldades de aprendizagem específicas. Crianças que estejam apresentando dificuldades na leitura, escrita, atenção, concentração, organização de ideias, sequenciação entre outras, são altamente beneficiadas com esse tipo de intervenção, porque como já dissemos, a criança embarca nos contos não como espectador, mas sim como personagem dando vida as imagens do conto. Acredito ser nesse momento que se faz a ponte entre o conto e a Aprendizagem significativa.

Essas crianças poderão, por exemplo, dramatizar e reescrever o conto vivenciado, introduzindo suas próprias imagens, e assim descobrir que há dentro delas uma riqueza de recursos aguardando apenas que a porta seja aberta para que possam sair.

Os contos abrem essa porta, fazendo com que as ideias sejam reorganizadas, porque partem de algo significativo que foi vivenciado. Isso irá favorecê-la nas demais aprendizagens.

Os contos com suas imagens fantásticas evocam imagens internas em crianças e adultos, neles, mamãe e papai estão carregados de significado, de valor simbólico como: colo, carinho, proteção, segurança, alimento, abandono, frustração.

As imagens do conto abrem a visão e permitem que outras imagens surjam conduzindo o ouvinte a certas percepções que modifiquem atitudes e provoquem transformações.

Com a coragem do herói e sua bravura, a criança que nessa hora também é o herói, consegue descobrir recursos internos necessários para vencer os seus obstáculos.

Obstáculos que podem ser os seus traumas e dificuldades de lidar com papai e mamãe, com o irmão que acabou de nascer, com os monstros (provas, brigas, o "não" conseguir aprender) que ele sente que tem que combater durante a vida. Afinal ele é o grande herói da sua jornada!

Os contos nos falam da "realidade do ser humano. É o indivíduo buscando a si próprio e o sentido da sua vida. (BONAVENTURE J., 1992).

"Assim ao contarmos um conto é como se estabelecêssemos uma ponte entre as suas imagens, as nossas de contador e as do mundo interior da criança." (BONAVENTURE J., 1992)

Jung chamou os temas ou motivos que aparecem nos Contos e Mitos e se repetem em todos os tempos e culturas, de Arquétipos. Por exemplo: a grande mãe, o grande pai, a criação do mundo, o nascimento, o herói, morte, abandono, bruxa, madrasta, separação, etc..

Isso quer dizer que os contos falam de temas universais e evocam imagens inconscientes no indivíduo as quais quando aproveitadas, nos ajudam a dar muito mais sentido as nossas vidas.

Desta forma, nossos pacientes e educandos poderão entrar em contato com os lugares escuros e desconhecidos do seu mundo interno "o arquétipo da Sombra".

Para que isso possa acontecer o terapeuta deve conhecer muitos contos e mitos para assim utilizar precisamente aquele que estará mais relacionado com os problemas específicos de seu paciente.

Além disso, conhecendo o que realmente "conta um conto", ou seja, seu valor simbólico, psicológico e psicopedagógico, o terapeuta poderá ajudar crianças e adultos aliviando os problemas que parecem sem

solução porque ao entrar em contato com bruxas, feras, dragões, ogros ou vizires que nunca estão satisfeitos (como muitos papais), as crianças (e não só elas), acabam percebendo que apesar dessas forças parecerem indestrutíveis é sim muito possível que uma personagem de aparência frágil seja capaz de derrotá-los, mostrando ser ela dotada de um grande poder.

Difícil é convencer as mentes apenas intelectuais que através dos contos aprendemos tanto. Nem bem entramos na escola e já começamos a ser treinados para usar nossa mente objetiva, reprimindo o mais possível nossas reações pessoais e emocionais, a justificativa para isso, é sempre o discurso "um vestibular muito em breve".

Tarefa difícil para o Psicopedagogo que acredita, que para se educar, aprender, viver plenamente e nos tornarmos soberanos da nossa vida, precisamos considerar sempre os fatores emocionais, cognitivos, afetivos, família, enfim, é necessário ter um olhar sistêmico para o aprender e para o aprendiz e principalmente, nunca deixar de sermos também, "um eterno aprendiz". O verdadeiro fazer psicopedagógico baseia-se, exatamente nisso, um olhar "Afetivo - Cognitivo" para a Aprendizagem.

Para as crianças não é preciso nenhuma interpretação intelectual, elas não estão preocupadas com racionalizações, apenas entram na história de corpo e alma e nessa hora são elas mesmas o "João e a Maria" entrando e ficando perdidos na floresta escura, tendo que descobrir sozinhas, recursos internos, que irão ajudá-las a vencer as forças do mal. É bem verdade que para isso muitas vezes os heróis e heroínas são ajudados pelos bichos da floresta, que cuidam das tarefas "tão Psicopedagógicas" como: separar sementes, selecionar coisas, fazer escolhas, classificar, eleger, nomear, fazer descobertas através de pistas (o que crianças e os adolescentes adoram), organizar as etapas, escolher metas, etc., etc.

Para acontecer esse aprendizado nos contos, sempre encontramos também velhos ou velhas sábias esperando por nós nas encruzilhadas ou em casinhas de pedras no sopé ou no alto das montanhas e serão eles a orientar, os pequenos ou grandes heróis, para que consigam encontrar o tesouro escondido ou protegido por dragões.

Nos contos de fadas, REAIS, dos nossos educandos ou pacientes, seremos nós, os Psicopedagogos, que estaremos aguardando por eles para "indicarmos o caminho das pedras" e caminharemos ao seu lado, por algum tempo, "mas" sem, no entanto, fazermos por eles o caminho.

Assim, teremos o privilégio de poder fazer parte da jornada desse lindo ser humano, que chega até nossa porta e permanece conosco pelo menos por algum tempo. Claro que nosso maior desejo é que ele se fortaleça e descubra rapidamente suas potencialidades adormecidas para então, tornar-se o grande rei do seu próprio reino, sua vida.

E nós... Nós estaremos esperando o próximo a bater em nossa porta, para iniciarmos outra jornada lado a lado e tantas outras. É nesse eterno aprender, reaprender, ensinar e aprender novamente que também nós estaremos cuidando dos nossos reinos pessoais, cuidando da nossa alma antes de tudo.

Vera Pina é Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Pós Graduada em Psicopedagoga pelo Instituto Sedes Sapientiae; Especialista na Interpretação dos Mitos e Contos de Fada, abordagem Junguiana; Coordenadora do Departamento de Psicopedagogia do Instituto Sedes Sapientiae; Orientadora Familiar; Professora nos cursos de pós graduação em Psicopedagogia do Instituto Sedes Sapientiae, na Universidade Presbiteriana Mackenzie; coordenadora e docente nos cursos de Pós graduação e Aprimoramento em Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia no SIEEESP parceria com as faculdades Claretianas; Supervisora e Orientadora de Monografias; Atua em clínica no atendimento à crianças, adolescentes e adultos com dificuldades de aprendizagem ; co-autora do livro: "As múltiplas faces do Aprender".

Contato: verapina@ig.com.br - 99501-8867

ESPAÇO ABERTO

Neste espaço, divulgamos autores novos em Psicopedagogia. Artigos, estudos, relatos de experiência poderão ser selecionados, inclusive de alunos de Psicopedagogia. Aproveitem a leitura!

JÁ SOU PROFESSORA. E AGORA?

Ensinar prazerosamente como aprendi. Aprender a ensinar. Formar. Esse foi meu estímulo para tomar a tão importante decisão que ocupou meus pensamentos durante o último ano no colégio, afinal, seria a decisão

a respeito do que eu gostaria de exercer como profissão durante toda minha vida! Tão nova, ainda não era muito claro para mim que a vida é cheia de curvas, atalhos e passagens e nós, ao longo da caminhada, é que decidimos para onde ir.

Me inscrevi no tão concorrido vestibular, fui aprovada e iniciei a Pedagogia aos meus 17 anos. Estudei a história da Educação, as mais variadas teorias a respeito do ensino, as implicações da Educação na sociedade, os custos que ela demanda, a tão polêmica inclusão de alunos com deficiência, as leis que permeiam a Educação... Estereótipos foram rompidos, conceitos foram construídos, ideias foram sendo, aos poucos, formadas. Foram tantas as provocações feitas pelos mestres que, na verdade, concluí a faculdade com muitas perguntas e poucas respostas. A partir daí, eu havia aprendido, de fato, a aprender, já sabia como buscar caminhos e onde obter possíveis respostas. Pelo menos, era isso que eu acreditava.

Comecei, então, a trabalhar. Sim, eu já havia me tornado uma professora e seria responsável por uma sala de aula. Eu buscava colocar em prática tudo o que conheci na graduação. Também relembra as boas experiências que tive em estágios e métodos que foram utilizados durante o meu tempo de aluna. No início, quase tudo era lindo. Quanta alegria em trocar carinho com aquelas crianças e apresentar novidades que as deixavam encantadas! Até que percebi que em minha sala de aula havia crianças com jeitos tão diferentes e os mais variados tipos de dificuldades.

Como trabalhar em meio a este contexto? Havia as crianças que não prestavam atenção em quase nada do que eu dizia, as que, por mais que prestassem atenção, e mesmo utilizando todo o léque de metodologia e paciência que eu tinha, não conseguiam compreender os conteúdos, as que bagunçavam e conseguiam romper completamente a harmonia da sala de aula, as que eram tão reservadas que se tornava difícil compreender o que realmente sabiam, as que não tinham autonomia e não conseguiam se organizar espacialmente, dentre outros diversos probleminhas que, somados no dia a dia, me desgastavam intensamente. Apesar dos diversos conselhos que ouvi, na prática, me faltava direção, eu já não sabia mais o que fazer, era como um jogo de tentativas, acertos e erros. E não podia ser assim. Ali, estavam crianças cujos pais confiaram a mim um ano de trabalho e esperavam de mim uma mediação bem realizada para que as crianças aprendessem tudo o fosse possível. Foi neste momento, quando me percebi perdida, mesmo após 4 anos de estudo na graduação, de estágios e dicas de outros profissionais, que decidi estudar mais, compreender melhor o que acontecia com aquelas crianças e qual seria a melhor forma de eu mediar este processo de ensino-aprendizagem.

Pesquisei inúmeros cursos e, procurando por "dificuldades de aprendizagem", descobri uma especialização em Psicopedagogia. Já havia ouvido falar a respeito deste profissional, que trabalha com crianças que tem dificuldade. Mas, afinal, o que realmente fazia um psicopedagogo? Ainda não sabia nada além do que sites de pesquisas informavam e textos com uma linguagem um tanto técnica descreviam.

Lá estava eu, novamente em uma sala de aula. A princípio, me senti deslocada, afinal, eu sabia que precisava de ajuda para lidar com alguns alunos, mas não estava certa do que encontraria ao longo daquele curso. Ótima decisão tomada por mim, decisão que mudou toda minha perspectiva em relação à Educação, decisão que, mais do que me mostrar possíveis caminhos para lidar com as dificuldades e distúrbios de aprendizagem, me apresentou um pouquinho do desenvolvimento humano e do processo de aquisição de conhecimentos, do valor do afeto, da responsabilidade da escola, dos professores e da família na vida da criança, me explicou o porquê de tudo isso, fui apresentada à neurociência, dentre outros conhecimentos magníficos. Eu já era consciente de que poderia marcar a vida de um ser humano em desenvolvimento, seja pelo lado positivo ou negativo, mas, quando me dei conta que minha influência é capaz de alterar a formação cerebral de uma criança, fui impactada pela responsabilidade que estava em minhas mãos.

Minha profissão já não era apenas ensinar determinados conteúdos para uma criança. Eu deveria ser capaz de perceber o que ela fazia de melhor para usar isso a seu favor, quais eram suas dificuldades para desenvolver as habilidades necessárias, intervindo no que realmente fosse preciso. Eu já não trabalharia por acertos e erros, mas saberia como obter a direção correta, após montar um complexo quebra-cabeça com todas as informações que obteria sobre aquela criança. Informações a respeito de seu histórico, sua família, sua bagagem cultural, seu comportamento, suas possibilidades e dificuldades. Passei a ser capaz de reconhecer, caracterizar e diferenciar as dificuldades de aprendizagem, os distúrbios e as deficiências que uma criança poderia apresentar. Passei a ser mais paciente com os alunos e não culpa-los mais por certas atitudes que antes, mesmo inconscientemente, me desgastavam. Passei a respeitar verdadeiramente suas dificuldades e seus sentimentos. Comecei a aprender como desenvolver as

habilidades de uma criança para que ela seja capaz de adquirir todo tipo de conhecimento de forma significativa para ela. Além da sala de aula, descobri outros caminhos para minha vida profissional. Além da maravilhosa função de professora, poderei, também, exercer a função de psicopedagoga institucional ou clínica. Que coisa linda! Essa foi a profissão que escolhi e, neste momento, passei a sentir mais orgulho do que sempre.

Hoje, meu olhar passou a ser diferente. Cuidadoso nos detalhes, atento às possibilidades. Eu já não enxergo apenas crianças que não param quietas, não se organizam, não prestam atenção, bagunçam a sala de aula, não fazem nada ou fazem tudo errado e não conseguem aprender. Eu enxergo, hoje, crianças que dão possibilidade a diferentes intervenções, que precisam de ajuda e, com carinho, paciência, sabedoria, conhecimento e dedicação, surpreenderão com a superação.

Ainda estou aprendendo, me formando, e continuarei estudando para que o conhecimento altere ainda mais minha visão sobre os "problemas" que há dentro da sala de aula – e fora dela também. Continuarei a me especializar porque este novo mundo que tive acesso me encantou, me apresentou algo que, há 8 anos, eu nem imaginava existir. Este é só o começo de uma história que, certamente, terá sempre um fim inacabado, uma busca pelo inexistente que há de surgir, afinal, como diz Alicia Fernández, a aprendizagem não é um meio para se obter outra coisa, mas um fim em si mesmo.

Bruna de Oliveira Julião

Pedagogia – USP 2010

Psicopedagogia – Mackenzie 2º semestre

bruneka_oj@hotmail.com

MINHA TRAJETÓRIA PELA EDUCAÇÃO...

Neste momento faço uma viagem pelo tempo e deixo que minha emoção invada meus pensamentos...

Tudo começou há mais de trinta anos. Adentrei a "escola sem paredes", mas que tinha por entre seus espaços muito AMOR e acolhimento. Estou me referindo ao "Colégio Miguel de Cervantes", escola que posso dizer que é extensão da minha vida, onde mais do que ensinar, tenho aprendido muito! Peço licença para homenageá-lo através do que contarei a seguir.

Após vinte e oito anos de magistério, aceitei um novo desafio que me foi proposto pela direção do colégio, iniciar um trabalho de intervenção psicopedagógica na instituição. Fiquei muito feliz, pois, desde a graduação em psicologia, e em seguida, pós em psicopedagogia, o meu foco sempre foi a educação e, em específico, a aprendizagem.

Vou falar um pouco de minha prática que sempre fundamentei em autores que trazem para a psicopedagogia muita luz! Me refiro a Alicia Fernandez, a Sara Paim, Reuven Feurstein e muitas psicopedagogas da Associação Brasileira de Psicopedagogia SEÇÃO SÃO PAULO que tive o prazer de ter como mestras.

Acredito que o "olhar psicopedagógico" na escola, passa em primeiro lugar pelo acolhimento ao aluno, bem como, à sua família e aos professores que o ensinam.

Hoje em dia, trabalhamos com um várias crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem originárias de distúrbios de ordem neurológica, emocionais, ou outros, portanto, cada vez mais precisamos nos fundamentar para melhor atendê-las nas suas especificidades.

Cada caso exige o questionamento: qual será a melhor estratégia, o melhor procedimento para poder ajudar o aluno?

À Neurociência tem nos aclarado sobre como entender e ajudar alunos que tenham dificuldades que interfiram nos seus processos de aprendizagem. Trago para minha prática este caminho. Participei de alguns cursos de aprimoramento nesta área.

Outro aspecto para mim importante, foi o fato de ter lecionado para muitos alunos com algum tipo de dificuldade de aprendizagem, necessitando muitas vezes de atendimento individualizado, mediação constante, e que exigiam uma pesquisa sobre como assistí-los, como mediar o seu processo de aprendizagem tornando-o significativo. Faço uso dessa experiência anterior para poder desenvolver meu trabalho atual, que envolve observações e intervenções com as crianças e seus professores.

Nestes quatro anos de trabalho como psicopedagoga institucional, muitas situações gratificantes tenho vivido com "meus pequenos". Cada caso traz em si uma injeção de ânimo e a necessidade de fazer mais e mais no "Caminho do Aprender a Aprender"...

Dr. Feurstein sempre diz:

" Não existe aquele indivíduo que não aprenda."

“Cada indivíduo tem seu tempo e sua forma para aprender.”

Me pauto nestas palavras para construir cada intervenção. E com isso quantas parcerias tenho feito , dentro e fora do colégio.

Falando nessas tão providenciais parcerias, não posso deixar de falar de uma parceira querida, Cristina Natel, profissional incansável, que abraça a Psicopedagogia com tanto Amor e energia.

Cristina sempre me inspirou pelo profissionalismo, pela entrega à carreira. Forte e positiva, sempre tem uma palavra de incentivo para todos nós. Há um lugar muito especial na minha carreira que tem o seu olhar, incentivo e carinho.

Peço licença, para abraçá-la e parabenizá-la, dizendo..

Estes dez anos da Associação só poderiam ser comemorados da forma como foram, com trabalho sério, com amor, respeito, esperança e a crença de que coisas boas poderão acontecer quando nos dispomos a dar o nosso melhor pelo próximo. Esta é a marca desta instituição.

Concluindo, agradeço a oportunidade e o espaço para falar de coisas tão importantes para mim no meu caminhar pela Psicopedagogia e pela educação.

Um agradecimento especial a uma companheira de trabalho que tenho o maior orgulho de ter como amiga e parceira, **Ivanilda**. Muito bom vê-la trilhando os caminhos da **ABPp/SP**.

Com carinho, Ana Maria

Meu nome é: ANA MARIA CRISPIM MIGUEL
Psicopedagoga do “Colégio Miguel de Cervantes”/SP
Meu email: ana.miguel@cmc.com.br

ACONTECEU

Preparar uma agenda cultural sempre me despertou intensas emoções, grandes inquietações, muitas indagações e principalmente, me proporcionou longas e prazerosas discussões com quem delas participou. Mas, seguramente, elaborá-la em um ano de comemoração de dez anos da fundação dessa Seção e de encerramento nesse mesmo período, de uma gestão iniciada em 2011 me enche de orgulho. Primeiro, por fazer parte dela e segundo, pelo fato de nesse último semestre a ABPp – Seção São Paulo obter ainda mais conquistas, como realizar no mês de agosto, um evento de caráter social na Igreja Dom Bosco, no bairro do Alto da Lapa, com uma repercussão bastante significativa em seu entorno, arrecadando alimentos em sua inscrição, para uma comunidade carente local. Ali, se discutiu com propriedade, o valor da diversidade em nossa sociedade contemporânea.

Também realizamos no mês de setembro, um curso com carga horária de 06 horas, a respeito dos transtornos de atenção, seu perfil, dificuldades e propostas de intervenção. Os questionamentos, debates e depoimentos que surgiram, proporcionaram um enriquecimento ainda maior do tema desenvolvido pela neuropsicóloga Anna Carolina Navatta.

Para fechar nossa agenda, pelo segundo ano consecutivo, comemoramos o dia do Psicopedagogo, em um encontro bastante agradável e singelo no mês de novembro.

Encerro esse breve texto, reiterando a ideia, de que um de nossos maiores objetivos, é continuar contribuindo sempre para a sua atualização profissional.

Certamente nos encontraremos em 2014.

Então, até lá.

Ivanilda Moura Santos
Diretora Cultural da ABPp SP

INDICAÇÕES

Recomendamos para sua biblioteca:

Excelentes livros e eBooks para um suporte teórico para os psicopedagogos:



- 1 - Qualidade de vida na infância e na adolescência,
de Francisco B. Assumpção Jr. e Evelyn Kuczinsky, ARTMED, 2010, eBook



2 – Avaliação Psicopedagógica

Recursos para a Prática, de Rosa Maria Junqueira Scicchitano e Marisa Irene Siqueira Castanho (Organizadoras), Editora Wak, Rio de Janeiro - 2013



3 – Como se aprende? Estratégias, Estilos e Metacognição,
de Evelise Portilho, Editora Wak, Rio de Janeiro - 2009



4 - Caras Animalescas

de Ilan Brenman, Companhia da Letrinhas, São Paulo - 2013



5 – Manual de Estratégias para Dificuldades de Aprendizagem

*Fábio Henrique Pinheiro / Giseli Donadon Germano
Simone Aparecida Capellini - Click Books - 2013*

Este livro foi organizado pelos membros do Grupo de Pesquisa do CNPq "Linguagem, Aprendizagem, Escolaridade" e do Laboratório de Investigação dos Desvios de Aprendizagem - LIDA com o objetivo de descrever as estratégias para o trabalho específico com as dificuldades de leitura e compreensão, dificuldades ortográficas, dificuldades de raciocínio lógico-matemático, dificuldades motoras, dificuldades viso-motoras e o uso de estratégias musicais para auxiliar as atividades de leitura e escrita. A opção em realizar uma obra com esta temática baseia-se no fato de que as dificuldades de aprendizagem, independente de sua etiologia, necessitam ser entendidas e trabalhadas no contexto clínico e educacional, visando diminuir o seu impacto na alfabetização das escolares.

EXPEDIENTE

Diretoria

Maria Cristina Natel – Presidente

Sandra Lia Nisterhofen Santilli – Vice-Presidente

Tiago Cimino Carvalho – Secretário

Ester Monteiro - Secretária Adjunta

Helena B. Silva – Diretora Financeira

Ivanilda Moura Santos – Diretora Cultural

Sandra Casseri Rindeika – Relações Públicas

Gisele Gasparotto - Relações Públicas Adjunta

Editora de Redação: Sandra Lia Nisterhofen Santilli

Conselho Editorial: Maria Cristina Natel, Ivanilda Moura Santos

Revisão: Cristiano Ferreira Almeida

Tiragem: 500 exemplares

Criação e Impressão – KOSMOGRAF

Este periódico é uma publicação exclusiva da **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO**



Contato: 11 99513.1411